

# Renan quer frente contra Planalto

O deputado Renan Calheiros propôs ontem, em Brasília, a formação de uma frente de oposição ao governo Collor, integrada por "forças que tenham afinidade com o momento nacional". Em entrevista no Congresso Nacional, o ex-líder do PRN na Câmara negou que tivesse mantido qualquer contato com o governador de São Paulo, Orestes Querínia, nas últimas horas ou mesmo com emissários do comando querista que luta pela vitória do candidato Luiz Antônio Fleury.

Renan explicou que se afastou da liderança não por ressentimentos ou frustrações pessoais — muito menos por qualquer tipo de interesse material — mas tão-somente para preservar a dignidade. Ele acusou setores do Governo pela publicação de notas na imprensa nas quais, segundo disse, tenta-se reduzir as dimensões de seu gesto. Ameaçou continuar fazendo novas revelações caso as notas continuem sendo "plantadas".

— Eu já tinha dito a ele que não se faz política nacional conversando com Paulo Octávio e Eduardo Cardoso — afirmou Calheiros, prevendo a instalação de um impasse institucional no País se Collor continuar a manter essa postura isolacionista. Renan Calheiros disse que rompeu com o presidente da República em defesa de sua dignidade, não porque se frustou com uma derrota eleitoral que está decidido a provar que foi forjada pelas fraudes.

— Já disseram que fiz por ressentimento, depois porque estava buscando dinheiro com o Presidente, o que é uma grossa inverdade, e até que procurei apoio do Querínia. Nada disso tem fundamento. Nunca me encontrei com ninguém que estivesse credenciado pelo governador de São Paulo. Proponho, isto sim, uma frente oposicionista contra o Governo, unindo todas as forças que tiveram afinidade em relação aos problemas do País — disse.

Renan acusou Collor de manter um silêncio suspeito em relação às fraudes eleitorais que demonstrou terem sido praticadas em Alagoas. "Fizemos uma aliança de igual para igual com a finilidade de mudar Alagoas", disse o ex-

-líder governista, advertindo que o Brasil não vai conseguir ser incorporado ao chamado Primeiro Mundo, "só porque o Presidente procurou se situar junto aos estadistas do Primeiro Mundo, à custa de cotoveladas". O que é preciso para que isso ocorra é o Governo trabalhar para que sejam modificados os indicadores sociais de distribuição da renda, "que nos incluem no Terceiro Mundo em companhias humilhantes" — disse.

Renan Calheiros disse que deixou a liderança porque não acredita mais no Governo. Disse que criticou a invasão da Folha de São Paulo, como defendeu abertamente uma forma de indexação dos salários, tomando a iniciativa de trazer ao Congresso o secretário de Assuntos Econômicos, Antônio Kandir. — O presidente sempre dizia que dava para compatibilizar o exercício da liderança do Governo com minhas tarefas na campanha eleitoral de Alagoas. Hoje, estou começando a duvidar de sua sinceridade. Eles já estão plantando notícias para dar à minha saída uma conotação pejorativa — disse Renan Calheiros, cercado por um batalhão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas.

— Já disseram que eu fui pedir quatro milhões de dólares. É uma covardia a plantaçāo dessas falsas notícias. Eu nem conheço essas cifras. Na verdade, eu era o lado bom do Governo. O próprio Collor dizia que eu tinha o perfil do político que ele queria no seu partido.

O Deputado Augusto Carvalho (PCB-DF) disse que a saída de Renan Calheiros da liderança, dá a medida da desegragação do Governo e mostra que a política de arrocho salarial é uma realidade apesar da linguagem modernizante do Executivo. "Essa desagregação em início de Governo é inédita. Aconteceu nos governos militares, aconteceu no governo Sarney, mas não no início do Governo", disse Augusto Carvalho. O Deputado Lisâneas Maiciel afirmou que "o Governo tem que separar os gangsters que estão dentro do Governo". Lisâneas acusa o Governo de não apurar as acusações de corrupção e de fraudes, como agora em Alagoas.

RAIMUNDO PACCÓ



Renan: sem polêmica com o ministro Passarinho, mas passando à oposição a Collor